

Editorial

OPRESSORES, OPRIMIDOS E CONTRADIÇÕES ENTRE TRABALHO E CAPITAL¹

Publicado pela primeira vez no ano de 1970, o livro *Pedagogia do Oprimido*² é um convite para que as pessoas do povo, ou seja, para que mulheres e homens trabalhadores e seus filhos rompam com a cultura do silêncio. Freire indica a educação bancária como elemento de manipulação, de invasão cultural e, portanto, instrumento da opressão de uma classe sobre outra. Considerando a existência de relação dialógica entre opressor e oprimido, para os primeiros, o “que vale é ter *mais* e cada vez *mais*”; assim “*ser, para eles, é ter, ter como classe que tem*” - questão esta que implica para os oprimidos *ter menos ou nada ter*. (FREIRE, 1974, p. 49). Em *Educação como prática da liberdade*³, publicado em 1967, advertia que “não há educação fora da sociedade humana e não há homem no vazio” (FREIRE, 1970, p. 45); daí, ser a busca de um homem-sujeito que é parte integrante de uma sociedade igualitária, que também é sujeito. É essa sociedade que queremos construir!

No ano de 2021, foram incontáveis as comemorações do aniversário de 100 anos de Paulo Freire, que representa para todos e todas nós um marco na educação e, particularmente na educação de jovens e adultos trabalhadores, tema que a *Revista Trabalho Necessário* (TN 40) apresenta aos leitores e leitoras. Por isso, nas poucas linhas desse Editorial, queremos deixar nossa homenagem a este homem, profundamente humanista, que revolucionou o pensamento pedagógico no Brasil e no mundo. Até hoje prosseguimos com uma pergunta-chave que marca o conjunto de sua obra: afinal, o que seria da ordem opressora se oprimidos perguntassem *por quê?* (FREIRE, 1974).

¹ Artigo recebido em 08/11/2021. Aprovado pelos editores em 10/11/2021.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i40.52217>.

² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

³ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

Nitidamente, a pobreza e a extrema pobreza se agudizaram com o golpe parlamentar, empresarial e midiático que levou à deposição da presidente Dilma Rousseff, em 2016, e que, estão associadas especialmente às medidas regressivas tomadas pelo governo Temer, nos anos de 2016 e 2017. Dentre elas podem ser citadas a PEC 241 (chamada pelos movimentos sociais de “PEC do fim do mundo”), que estabelece um teto para os gastos públicos, congelando as despesas do governo federal durante 20 anos, ampliando enormemente a vulnerabilidade social; a lei da terceirização (Lei 13.429/17) e a Reforma Trabalhista (Lei 13.467/17), que atingem a classe trabalhadora brasileira, historicamente já tão desprotegida. Esse conjunto de ações cria um cenário que explica, em parte, a eleição de Bolsonaro, em 2018, cujo (des) governo nos assola com maior dramaticidade.

Por isso afirmamos que, no Brasil, essa situação de barbárie é expressão não apenas da intensa crise sanitária e econômica gerada pela pandemia que assolou o planeta Terra em 2020, mas também resulta das recentes políticas de desmonte do Estado, e que, sob o comando de Bolsonaro, assumem ainda um cunho conservador e neofascista. Em última instância, o desemprego e a miséria são a manifestação de necropolíticas implementadas pelo governo Jair Messias Bolsonaro, que ainda hoje se nega a tomar a vacina, seja por descaso com a ciência, seja por compromisso com indústrias que queriam lucrar com a saúde. Não por acaso, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid sugeriu 80 indiciamentos por crimes cometidos, comprovando que interesses privados levaram ao atraso da vacina e, conseqüentemente, à morte de mais de 600 mil pessoas. Finalizando o ano de 2021, prosseguem os pedidos de *impeachment*; no entanto, tudo indica que não será pela via jurídica que conseguiremos destituir Bolsonaro e seus asseclas. Embora os movimentos sociais tenham estimulado a ida às ruas para lutar contra o vírus maior, não têm sido suficientes as manifestações e protestos populares. De qualquer maneira, tem diminuído o número de aprovação do governo: na pesquisa do PoderData, dia 30 de setembro, o capitão registrava 58% de rejeição da população.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴, a população em situação de rua cresceu 140% a partir de 2012, chegando a quase 222 mil brasileiros. Ainda que não tenhamos dados precisos sobre 2021, sabemos que é alarmante o aumento da população que faz da rua seu local de trabalho e moradia.

⁴ IPEA https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35811).

Basta caminhar pelas calçadas da cidade para observar o crescimento exponencial de homens e mulheres trabalhadoras que passaram a constituir o que Marx denominou de categoria estagnada ou peso morto do exército industrial de reserva. Para o LabCidade – Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade⁵, em 2020, na região metropolitana de São Paulo ocorreram pelo menos 28 remoções, atingindo 2.727 famílias; foram 48 casos de ameaças de remoção, o que incluíam 7.141 famílias. Dada a insensibilidade dos magistrados que analisam processos de reintegração de posse, cerca de 900 famílias foram retiradas de uma ocupação no bairro de Vila Roseira, na cidade de São Paulo. No período de 26 a 29 de outubro de 2020, o Censo da População em Situação de Rua da Cidade do Rio de Janeiro registrou 7.272 pessoas em situação de rua na cidade. Entre elas, 75,2% (5.469) estavam morando nas ruas e 24,8% (1.803) em unidades de acolhimento e comunidades terapêuticas. O perfil predominante é de homens, negros, com idade entre 18 e 49 anos, e um grande percentual (40,1%) de nascidos fora do Rio. Além disso, 752 pessoas, que corresponde a pouco mais de 10% desse total, afirmaram ter ido para as ruas depois do início da pandemia provocada pelo coronavírus.

As crianças também voltaram a povoar as ruas das cidades. Entregues à própria sorte, jovens, crianças e adultos têm estado ainda mais vulneráveis a contrair e disseminar o vírus, instalando-se nas calçadas e embaixo de viadutos. Sem falar de desemprego, fome e miséria. No Rio de Janeiro, no Largo da Glória, chama a atenção uma família em uma barraca instalada embaixo de um arbusto enfeitado com adereços de Natal. A não ser que a prefeitura os retire para não deixar feia a “cidade maravilhosa”, esses homens e mulheres vão romper o ano de 2022, ali, a céu aberto, ao léu. Vão depender quase que exclusivamente da solidariedade das pessoas que lhes levem algo de comer e beber.

Mas quem são essas pessoas que atualmente ocupam as ruas, em número crescente? É importante que as enxerguemos para além desta situação de extrema vulnerabilidade e as situemos como parte integrante da classe trabalhadora brasileira. Classe trabalhadora que vem sendo atingida por um desemprego que chega a 14,4 milhões da população economicamente ativa (IBGE, 2021)⁶, adoecida pela covid-19

⁵ <https://www.labcidade.fau.usp.br/>

⁶ Estes são dados do 2º trimestre de 2021, a partir da PNAD Contínua, do IBGE. Além deste número, é importante considerar os 5,6 milhões de desalentados e os mais de 32 milhões de subutilizados, o

ou pela falta do trabalho e pela fome que advém dessa falta. Enfim, essa classe que, como disse Belluzzo (2020)⁷, é o principal “grupo de risco” no cenário pandêmico,. Isto ocorre exatamente porque vem tendo seus direitos do trabalho (e sociais) atacados ferozmente nos últimos 40 anos, a partir da globalização neoliberal. E que, no Brasil, se acentua ainda mais na segunda década do século XXI.

No campo da educação, da saúde, da cultura, das ciências, as políticas de cunho neofascista continuam a ameaçar estes setores da sociedade, impedindo ou negando o acesso, a permanência, a atenção básica e a socialização daqueles elementos acumulados e historicamente construídos pela classe trabalhadora, como partes do bem comum e como direito de todos/as. Parece que vivemos em um eterno caos, sem saída para os problemas de diferentes ordens, presentes no real.

E se o quadro é, de fato, de tamanha gravidade, o que nos leva a invocar a ideia de Gramsci sobre “o pessimismo da razão”, também buscamos em Freire, patrono da Educação Brasileira, o sentido da esperança. Entendemos com ele que os fatos estão postos não definitivamente, mas que cabe a nós, com uma leitura crítica da realidade, desconstruir o que ideologicamente nos é apresentado, como ponto final das coisas do mundo. Como está expresso nas Primeiras Palavras de Pedagogia da Esperança:

Por outro lado, sem sequer poder negar a desesperança como algo concreto e sem desconhecer as razões históricas, econômicas e sociais que a explicam, não entendo a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A esperança é necessidade ontológica; a desesperança, esperança que, perdendo o endereço, se torna distorção da necessidade ontológica. Como programa, a desesperança nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo onde não é possível juntar as forças indispensáveis ao embate recriador do mundo. Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e

que deixa mais de 50% da população em idade de trabalhar fora do mercado de trabalho. Ver: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php> Acesso em 08 de novembro de 2021.

⁷ Fala de Luiz Gonzaga Belluzzo em um seminário on-line organizado pelo Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit), da Unicamp, em 15 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/ciclo-de-seminario-on-line-economia-trabalho-e-protecao-social-em-tempos-de-crise> Acesso em 08 de novembro de 2021.

titubeia. Precisamos da herança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 1992, p.5)⁸

Parece desnecessário dizer, mas a luta continua! Enquanto existir sociedades cindidas em classes e, portanto existir opressores e oprimidos, a luta se fará presente sempre. E mais uma vez, lembrando com carinho do saudoso mestre Paulo Freire, a quem rendemos homenagem neste editorial, importante não esquecer que esperança sem projeto é desesperança, como ele mesmo dizia.

Niterói-RJ, 08 de novembro de 2021.

Lia Tiriba, Maria Cristina Paulo Rodrigues, José Luiz Cordeiro Antunes
Editores da Revista Trabalho Necessário.

⁸ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.